

Brasil no longo prazo

Problemas como incapacidade de engatar em cadeias globais de valor e estrutura tributária defasada atrapalharam crescimento do país

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP.

Folha de S. Paulo, 23.dez.2023

- Na quarta-feira da semana passada (20), participei da mesa de longo prazo do 51º encontro da Anpec (Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em [Economia](#)).

Minha apresentação teve quatro partes. Na primeira, a partir da revisão do crescimento brasileiro de 1900 até 1980 de Bacha, Tombolo e Versiani, documentei que o Brasil tinha, em 1900, 20% do [PIB](#) per capita americano –mais ou menos o que temos hoje. Segue daí o título de minha apresentação: "Mediocridade Perene".

Fato pouco notado é que a aceleração do crescimento brasileiro não ocorreu após [a revolução de 1930](#), [mas sim após a primeira guerra](#).

Ao fim de todos os anos, IBGE encaminha ao Tribunal de Contas da União a relação da população de cada um dos municípios brasileiros - Tânia Rego/Agência Brasil

Em que pese o crescimento do produto per capita entre 1918 e 1980 ter sido menor do que se imaginava –3% ao ano, em vez de 3,9%–, nosso desempenho no período seguinte foi bem pior. Entre 1980 e 2019, crescemos ao ritmo per capita de 0,8%.

Por que nosso crescimento entre 1918 e 1980 foi tão bom? Esse é um período durante o qual a economia mundial inicialmente se fechou, e no qual a abertura que ocorreu, após a segunda guerra, se deu com uma governança que nos favoreceu. As empresas transnacionais instalavam-se em países emergentes –principalmente em economias com escala, como é o caso da brasileira– para produzir localmente e aproveitar o mercado de consumo local.

Na segunda parte de minha apresentação, analisei nossa grande estagnação. Por que, após termos resolvidos os problemas com [a dívida externa](#), não voltamos a crescer? Mesmo após [a estabilização da economia com o Plano Real](#), não conseguimos retomar o crescimento mais acelerado.

Três fatores me parecem ter agravado nossas dificuldades. Primeiro, nossa incapacidade de engatar nas cadeias globais de valor. Entre 1990 e 2010, o comércio internacional saiu de 15% do PIB mundial para 25%. Esse crescimento ocorreu em função da construção das

cadeias globais de valor, nas quais o salto do comércio foi de bens em processamento. Ficamos completamente fora desse movimento.

Segundo, nosso contrato social da redemocratização (aumento grande da seguridade social em reação à demanda do eleitorado) reduziu a poupança doméstica –após controlarmos pela demografia–, pressionando [juros](#), [câmbio](#) e aumentando a percepção de risco. Minhas contas sugerem que nosso excesso de gasto previdenciário, após controlarmos pela demografia, em relação à média internacional, reduz a taxa de poupança em 5% do PIB.

Terceiro, a estrutura tributária construída no final dos anos 1960 não se adaptou às alterações na forma de produzir que ocorreram logo em seguida. A tendência desde os anos 1970 é que haja terceirização das atividades produtivas. Essa é a tendência principalmente na indústria manufatureira. Nossa complexidade tributária e a separação da base de bens, ICMS, da base serviços, ISS, dificultam muito o processo de terceirização. Nesse sentido, a reforma Na terceira parte de minha exposição, decompus o período de 1981 até 2019 em cinco etapas: de 1981 até 1993, redemocratização e hiperinflação; de 1994 até 2006, estabilização e liberalização; de 2007 até 2013, intervencionismo; de 2014 até 2016, nossa grande crise; e de 2017 até 2019, lenta recuperação. Os ganhos do período do intervencionismo foram quase que integralmente eliminados com nossa grande crise. Ela representou uma perda permanente de 10% do PIB.

Na quarta parte, apresentei diversas evidências de que a política econômica praticada entre 2007 e 2013 não era sustentável. Ao longo do período tivemos: piora fiscal; salários crescendo além da produtividade; rentabilidade do setor privado em queda; redução das [exportações líquidas](#); e [inflação em elevação](#). Claramente o regime de política econômica era não sustentável.

Nossa democracia ainda não conseguiu encontrar um pacote de política econômica sustentável que gere crescimento com redução de desigualdade. Para os interessados, o arquivo da apresentação [encontra-se neste link](#).